

Fábio Daniel Matias
De Sá Oliveira

O Rei do Karaoke
Processo de criação do filme

MCA. 2012

Projeto para a obtenção do grau de Mestre
em Comunicação Audiovisual
Especialização em Fotografia e Cinema Documental
Professor Orientador: Doutor Jorge Campos
Professor Co-Orientador: Mestre Pedro Sena Nunes
Corpo Docente: José Alberto Pinheiro, Maria João Cortesão,
Marco Conceição, Nuno Tudela e Francisco Vidinha.

"A indiferença, a falta de delicadeza, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de nos servir."

José Saramago, 6|12

Dedico este trabalho aos meus pais e amigos pelo incansável apoio.

agradecimentos

Pais e Familiares.
A todos os meus amigos.
Todos os elementos da Turma do Mestrado.
A todo o corpo docente do Mestrado.
Pedro Monteiro.
Luís Alves.
Hélder Sousa.
Luís Brandão.
CP- Comboios de Portugal.
Jeans Shop.
Café Barros.
Bar da Comissão de Festas da N. Sra. Das Dores.

palavras-chave

Artista, Sociedade, Espetáculo, Sensibilizar, Carreira.

resumo

A música ganha uma nova importância na vida de Rodrigo, um cantor de karaoke que afirma ser mais do que isso, porque tenta sempre acrescentar algo de novo aos seus espetáculos.

Para ele, cantar é uma resposta à necessidade de se tornar algo mais no contexto da sua vida difícil e por vezes dramática.

A sua carreira é assombrada por indignidade, ciúme e falta de respeito pelo seu trabalho.

Mas no fim de cada atuação acaba sempre com um sorriso.

keywords

Artists, Society, Entertainment, Awareness, Career.

abstract

The music gains a new importance in the life of Rodrigo, a karaoke singer claiming to be more than that because he is always trying to add something new to his performances. To him, singing is a response to the need of becoming something else in the context of his hard and sometimes dramatic life. His career is haunted by jealousy, unworthiness and lack of respect for his work. But at the end of every performance ends up with a smile on his face.

Índice

	Pág.
	3
AGRADECIMENTOS	
	4
RESUMO	
	5
ABSTRACT	
	6
ÍNDICE	
	7
1. INTRODUÇÃO	
	8
2. METODOLOGIA	
	8
2.1. Cinema Direto	
	9
2.1.1. Free Cinema	
	11
2.1.2. Cinema Observacional	
	12
2.2. Ética no Documentário	
	14
2.3. Pré-Produção	
	20
2.4. Produção	
	34
2.5. Pós-Produção	
	40
3. CONCLUSÃO	
	42
4. BIBLIOGRAFIA	
	44
5. FILMOGRAFIA	
	46
6. ANEXOS	

1. Introdução

O *Cinema Documental* tem como suporte histórias reais, contadas das mais variadas maneiras, mas sempre com a procura em alcançar o real, sendo uma das técnicas mais frequentes a do *Cinema Direto*, que procura tirar o máximo partido levado a cabo pela câmara de filmar.

Aquando do início da criação de um documentário o assunto tem que ter de alguma maneira despertado o interesse do realizador em trabalhar nele. No caso do filme *O Rei do Karaoke (2012)* o interesse foi despertando quando analisava o protagonista numa das suas atuações e as reações desrespeitosas ao seu trabalho por parte da audiência.

Percebi que quase todos insultavam o Hélio Rodrigo devido ao seu espetáculo pouco convencional. Mas também percebi que poucos se interrogariam sobre quem estava por trás dessa personagem, nem como seria a sua vida e a da sua família, o que teria sido necessário fazer para chegar até ali, porque razão faria aquilo. Estas são algumas das perguntas que escolhi fazer e sobre as quais refletir.

Com o documentário *O Rei do Karaoke (2012)* pretendi refletir sobre as questões enunciadas, pensar sobre os valores éticos que lhes estão indissociavelmente ligados e mostrar a vida da personagem fora do palco. Em suma, revelar a vida de uma pessoa que tenta ser um artista e que vive na ilusão de estar a satisfazer um público que na maior parte das vezes apenas o está a ridicularizar durante a sua atuação.

Através de imagens sobre os seus hábitos, os seus espetáculos, peripécias e histórias familiares, procuro chamar a atenção para esta injustiça e mostrar a importância daquilo que Hélio Rodrigo faz para se afirmar como pessoa.

O risco de um documentário deste tipo é grande tendo em conta as questões éticas que se colocam. Sem o devido cuidado, seria muito fácil ridicularizar a personagem principal o que, além de desrespeitar a pessoa, tornaria o documentário sem sentido. Assim sendo, como medida de precaução e elemento auxiliar de construção da narrativa, houve que convocar referências teóricas e fílmicas úteis à concretização do meu projeto. As reflexões que suscitaram, consciente ou inconscientemente, influenciaram de diferentes formas o meu trabalho e o filme que dele resultou.

2. Metodologia

Durante o processo de criação do *Rei do Karaoke* tive responsabilidade enquanto realizador no seu desenvolvimento e conclusão. Sendo esta a minha primeira experiência individual como realizador de um documentário, devo afirmar que se a ambição era grande, o receio de não o conseguir concluir não era menor.

Tendo como objectivo tornar-me profissional na área encarei este projeto como uma forma de construir algo que me pudesse ajudar a estar mais perto desse objectivo.

Como ponto prévio procurei identificar na história e teoria do documentário alguns apoios para o meu trabalho, focalizando a minha atenção em primeiro lugar, e sem prejuízo de outros contributos, no cinema direto.

2.1. Cinema Direto

O cinema direto, por vezes confundido com o *cinéma vérité*¹ é uma forma de narrativa documental que procura reproduzir com a maior aproximação possível os acontecimentos do real que são registados pela câmara, havendo embora a subjetividade inerente à indispensável presença de um ponto de vista.

Desenvolveu-se nos anos 50 e 60 na América do Norte, ganhou forma com o resultado das mudanças sociológicas e práticas no universo cinematográfico.

Os documentaristas sempre procuraram os meios tecnológicos adequados para conseguir alcançar os seus objectivos e conseguir garantir os melhores resultados mesmo perante as piores condições. *“Documentarians have always sought technological additions that would permit them to film more easily under difficult conditions and to convey more of the observed actuality to their audiences.”*².

Dziga Vertov e Robert Flaherty durante os anos 20 foram considerados percussores do cinema directo, sendo obras fundamentais, nomeadamente *Cine-Olho*

¹ Expressão Francesa que significa cinema verdade, este nome criado pelos Franceses aquando o
² Ellis, Jack C. e McLane, Betsy A. – **A New History of Documentary Film**. New York: The Continuum International Publishing Group Inc, 2005. ISBN 0-8264-1750-7.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

(1924) e *O Homem da Câmara de Filmar* (1929) de Dziga Vertov e *Nanook of the North* (1922) realizado por Robert Flaherty.

Foi no Canadá que o cinema direto ganhou força. Através do *National Film Board*, realizadores como Wolf Koenig e Roman Kroitor tiveram muita influência no desenvolvimento deste gênero de fazer cinema documental.

A *Unit B* da NFB era liderada por Daly Tom, e foi por onde passaram os melhores realizadores canadenses, desde Gerald Potterton, Don Owen, Colin Low, Wolf Kroening, Roman Kroitor, Robert Verral, Arthur Lipsett e Norman McLaren.

Os seus filmes tiveram muito reconhecimento internacional, devido às suas abordagens inovadoras no documentário e animação, marcados pelo seu tom e ideologia, a afirmação nostálgica do passado, uma visão individual e algo sarcástica da realidade, uma atitude quase existencial para ações individuais humanas e de desenvolvimento social e, paradoxalmente, um certo ênfase na importância do esforço do grupo.

2.1.1. Free Cinema

No Reino Unido distinguiram-se os praticantes do *free cinema*, um movimento documentarista que surgiu em Inglaterra nos anos 50. Esta abordagem cinematográfica tem como princípios não recorrer a uma intenção de propaganda ou um apelo ao *Box Office*, e caracterizava-se pela utilização da estética do *cinema verdade*.

Fundado por Lindsay Anderson, Karel Reisz e Tony Richardson, criaram também um pequeno mas influente jornal - o *Sequence* - no qual Anderson escreveu "*No Film Can Be Too Personal*", um texto que simboliza o passo para o início do *Free Cinema*.

O movimento teve como início a criação de três curtas metragens. A partir destas experiências práticas, Lindsay Anderson juntamente com Lorenza Mazetti escreveram o manifesto do *Free Cinema*.

"These films were not made together; nor with the idea of showing them together. But when they came together, we felt they had an

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

attitude in common. Implicit in this attitude is a belief in freedom, in the importance of people and the significance of the everyday.

As filmmakers we believe that:

No film can be personal.

The Image speaks. Sounds amplifies and comments.

Size is irrelevant. Perfection is not an aim.

An attitude means a style. A style means an attitude.”³

Na primeira apresentação do movimento *Free Cinema* foram exibidos três filmes. O primeiro filme apresentado foi o *O Dreamland (1953)*, realizado por Lindsay Anderson, que retrata um famoso parque de diversões e mostra a ironia da sua diversão manufaturada.

Um outro filme que também marcou presença nesse primeiro visionamento, foi o *Mamma Don't Allow(1955)* realizado por Karel Reisz e Tony Richardson. A película retrata uma noite num clube de jazz, o *Wood Green*.

E o terceiro, não menos valorizado foi *Together (1956)*, realizado por Lorenza Mazetti e com a colaboração de Denis Horne. O filme é sobre duas pessoas surdas, baseada na história *The Glass Marble* escrita por Denis Horne.

A razão para se chamar *Free Cinema* (Cinema Livre), resulta do facto dos filmes serem considerados “livres”, pois eram feitos à margem da indústria cinematográfica e eram valorizados e distinguidos pelo seu estilo, atitude e pelas pequenas condições financeiras em que eram produzidos.

O cinema direto estava presente um pouco por todo o mundo: Canadá, França, Reino Unido e EUA. Aqui Robert Drew realizou o filme *Primary (1960)*, considerado um dos primeiros documentários do cinema direto americano. O filme fala das eleições primárias no Wisconsin em que os candidatos eram Hubert Humphrey e John F. Kenedy.

³

Manifesto Free Cinema, citado em Free Cinema, 2006, BFI DVD booklet.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Este filme representou um grande avanço no cinema documental. A utilização de câmaras móveis e equipamentos de som mais leves permitiu aos cineastas seguir as personagens para todo o lado: seguiam-nas pelo meio da multidão, estavam com elas em alturas privadas e até presentes juntos a elas na altura que aguardavam os resultados das sondagens, aproximando o enquadramento da cara dos candidatos para criar uma maior intensidade. O filme mostra tudo aquilo a que as pessoas não têm acesso durante a campanha.

Com este registo consegue-se alcançar uma maior intimidade com a personagem que estamos a registar, algo que com as mais antigas técnicas de fazer documentários não era possível, o que fez com este registo fosse desde muito cedo adoptado pelos repórteres de vídeo.

2.1.2 Cinema Observacional

O *Cinema Direto* é visto como uma das intervenções singulares que mais impacto teve na história do cinema documental. Um dos sistemas relacionados com ele é o observacional, e embora debaixo de constantes críticas, ainda existem realizadores que recorrem a ele, como por exemplo Frederick Wiseman⁴.

Wiseman nega que os seus filmes sejam circunscritos pelo paradigma do *Cinema Observacional*, pois o que ele entende por esta definição é que o realizador sai por aí e começa a gravar tudo o que lhe aparece à frente, atribuindo um valor igual a tudo o registado. Wiseman discorda completamente com esta visão simplista.

Nos seus filmes, o que ele tenta fazer é editá-los segundo uma estrutura dramática, usando a presença observacional da câmara na ação e reduzindo ao mínimo possível a sua intervenção.

Com o aparecimento do equipamento portátil e com a procura de registos mais informais, este género conseguiu desenvolver-se, e a sua capacidade de registar os acontecimentos e depoimentos com uma maior equivalência à realidade diminuiu a barreira entre o sujeito e a sua representação.

O Cinema Direto sempre foi um assunto de muita discussão, pois vários são os artistas que o valorizam enquanto género de registo cinematográfico. No livro *New*

⁴ Realizador Americano conhecido por recorrer ao Cinema Direto e Cinema Observacional nos seus filmes.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

*Documentary*⁵ Morris discorda com algumas crenças sobre o Cinema Direto: ele acredita que os realizadores que se afirmavam como realizadores do *Cinéma Vérité*, como por exemplo, Richard Leacock e Don Pennebaker, abordam-no como um meio de registar eventos, tentando negar a presença da sua perspectiva visual e acreditavam que através destes métodos observacionais conseguiam atingir uma verdade que através de outro registo seria impossível.

Um outro realizador polémico que se opôs com veemência a este método foi Émile de Antonio, pois os seus filmes desafiavam as crenças do cinema direto.

“Cinéma Vérité is first of all a lie, and secondly a childish assumption about the natures of film. Cinéma Vérité is a joke. Only people without feelings or convictions could even think of making Cinéma Vérité. I hapen to have strong feelings and some dreams and my prejudice is under and in everything I do. “

*(Rosenthal 1978:7)*⁶

A discussão sobre as crenças do *Cinema Direto* certamente vão eternizar-se, mas embora uns concordem e outros discordem com o seu propósito, todos valorizam a sua influência na evolução do *Cinema Documental*.

2.2. Ética no Documentário

Confrontado com alguns assuntos de índole mais delicada na relação que fui construindo com o Hélio, tive que refletir sobre os valores éticos associados à interação realizador/personagem para decidir quais as opções mais corretas para a construção do *Rei do Karaoke*.

Como referia Bill Nichols na sua discussão a propósito das questões éticas no documentário e da representação justa das pessoas que filmamos, tornam-se decisivas para cada cineasta documental as seguintes interrogações: «*What to do with people when we make a documentary? How do we treat the people we film? What do*

⁵ Escrito por Bruzzi, Stella.

⁶ BRUZZI, Stella. *New documentary*. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2006. Página 73.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

we owe them as well as our audience?»;1 ou como ele pergunta algumas páginas mais à frente: «*What responsibility do filmmakers have for the effect of their acts on the lives of those filmed?»*2 Como tratamos as pessoas que filmamos? Que responsabilidade temos no que toca aos efeitos do que filmamos na vida das pessoas (filmadas)?

A minha relação com o interveniente do documentário começou a crescer na fase de pré-produção, comecei a fazer-lhe visitas regulares e durante essas visitas falávamos sobre o seu passado, a sua família e a carreira que ele tenta construir.

O facto de a minha avó ter sido sua assistente social, também contribuiu para que houvesse uma maior empatia entre nós, pois ele contava com alegria o apoio e a ajuda que ela lhe dava. Tem um grande respeito por ela, e sendo eu seu neto, ele confiava em mim.

A confiança que ele demonstra foi muito positiva para a criação do filme, mas ao mesmo tempo exigiu de mim uma responsabilidade acrescida. Foi constante a preocupação e cuidado em respeitá-lo, para que a confiança depositada em mim não fosse sequer beliscada.

Em *Introduction to Documentary*, Bill Nichols fala nas diferentes formas como esta relação triangular (cineasta-sujeito do filme/personagem-espectador/audiência), se pode realizar e apresentar quando refletida na realidade do cinema documental.

A forma mais clássica, diz-nos este autor, pode ser formulada na expressão '*I speak about them to you*' (no original). Mas existem várias outras tipos de relação, como por exemplo, as que se descrevem segundo a expressão '*It speaks about them (or it) to us*', ou então '*I (or we) speak about us to you*'.

Cada uma destas frases expressará na ideia de Nichols, portanto, em última análise, a realidade de diferentes posturas que um realizador pode adoptar quer em relação ao sujeito que filma, quer em relação à audiência a que se dirige, e, acrescente o tipo de relação (e proximidades distintas) que assim se estabelecem em geral.

No caso deste projeto, a relação entre mim (realizador) e o Hélio (sujeito) foi uma relação de proximidade. As nossas conversas tornavam-se completamente normais, como se de dois amigos a falar se tratasse, existindo um respeito e admiração pelo trabalho de cada um.

Esta relação é um espelho da que procuro criar entre o filme e o espectador. É

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

segundo estes parâmetros que pretendo mediar o filme, a postura que eu tive em filmá-lo foi à imagem e semelhança da relação que criámos os dois. Essa postura acaba por transparecer no resultado final do filme, e certamente irá condicionar a própria postura e relação que o espectador poderá criar com o Hélio, seja tanto com a personagem que eu “criei” e “dispositivo” que utilizei.

Digamos que criei com o objectivo do espectador se relacionar com ele - ou seja, o filme e o seu conteúdo e forma - podendo influenciar a relação do espectador com o Hélio personagem e com o Hélio pessoa.

De maneira a conseguir compreender e aprender com tudo o que correu menos bem durante a execução do *Rei do Karaoke*, posso afirmar que uma grande parte da minha dissertação terá um registo de relatório, com a descrição de todos os passos do processo de criação do filme, desde a pré-produção à sua conclusão.

Na pré-produção começamos a investigar e a refletir sobre o assunto em que vamos trabalhar e a confrontarmo-nos com as nossas primeiras influências visuais e estéticas, escolhas de abordagem e caminhos a seguir para o filme.

No entanto a fase que mais define a construção do documentário é sem dúvida a Rodagem(Produção), pois é aqui que toda a investigação realizada, tais como as influências visuais e estéticas ganham forma, passando do simples pensamento para algo em concreto, materializando-se em imagens.

A reflexão que proponho fazer, teve uma grande influência no processo de construção do filme *O Rei do Karaoke*. Utilizarei momentos que aconteceram durante as filmagens para descrever as escolhas que influenciaram todo o processo de criação do filme. Exemplificarei como parte da filosofia do *Cinema Direto* foi adoptada como registo e influência em grande parte do meu filme.

Complementarmente, acrescentarei também algumas reflexões de carácter mais académico, referenciando autores de declarada importância e vasto conhecimento no campo da História e Teoria do Documentário.

2.3. Pré Produção

Nesta primeira fase, embora soubesse o sentimento que queria transmitir, ainda não sabia ao certo como o fazer. Foi então que comecei por assistir ao máximo

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

possível de concertos do Hélio, para estudar todo o imaginário criado pelo artista e toda a estrutura da sua performance.

Iniciei então a realizar a *repérage*⁷, começando por fazer visitas diárias a sua casa para recolher informações sobre a sua vida: histórias do passado, informações sobre a família e também sobre a companheira e filhas.

Sempre que eu abordava o assunto da sua família biológica, reparava que ele tentava sempre fugir ao assunto. Eu não sabia bem porquê, mas aos poucos fui sabendo que a mãe já tinha falecido, que não tinha contacto com o pai e que tinha seis irmãos com quem raramente falava.

O facto de ele não se dar com o pai intrigava-me e dava-me vontade saber mais. O Hélio evitava sempre o assunto e só consegui descobrir mais informações durante a fase de rodagem, aquando da chegada do Sr. Sá electricista para consertar um problema em sua casa.

Foi então que eles começaram a falar do pai do Hélio. Fiquei a saber que também era músico e que tocava gaita de foles. Foi nesta situação, e em plenas gravações, que fiquei a saber, pelo desabafo do Hélio, que o pai regularmente chegava a casa bêbado e batia na mãe. Descobri que uma vez virou água a ferver sobre ela queimando-a toda, o que acabou por redundar no seu internamento e posterior morte em consequência direta das queimaduras. Finalmente, e ainda a partir desse testemunho, soube que, depois dessa, já o pai do Hélio tinha enterrado mais três mulheres à custa de abusos cometidos por causa de consumo excessivo de álcool.

O Hélio tinha um grande carinho pela mãe. Da voz dele ouvi muitas histórias sobre os dois: as caminhadas que faziam para a escola e para o trabalho, o tempo que passavam juntos e o quanto a mãe o ajudava e protegia do pai quando este estava bêbedo.

Depois de várias visitas apercebi-me que deveria acompanhá-lo nas rotinas do dia a dia. Numa dessas rotinas conheci o Sr. Sano, que tem uma relação muito próxima com o Hélio. É ele que o ajuda constantemente, fornecendo-lhe roupa e comida e arranjando-lhe pequenos trabalhos: limpar os vidros das suas lojas, cortar o jardim de sua casa e lavar o seu carro, por exemplo. O Hélio considera-o como um segundo pai, e a maneira como olhava para ele explicava tudo.

⁷

Processo utilizado para estudar o local onde vão decorrer as filmagens.(Nota do Autor).

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Durante a conversa com o Sr. Sano recolhi muita informação. Nomeadamente aspectos que tiveram muito impacto na vida do Hélio, tais como um grave acidente que teve e que o levou a ficar em coma cerca de dez dias no Hospital S. João⁸.

Este acidente representa um grande marco para o Hélio, pois levou-o a dar uma reviravolta por completo na sua vida. Até aquela altura ele, à semelhança do seu pai, tinha grandes problemas com o álcool, pois bebia muitas vezes e depois só fazia asneiras. Após o acidente nunca mais tocou em bebidas alcoólicas.

Segundo o Sr. Sano já houve muita gente que se quis aproveitar dele. Era habitual marcarem com ele que para o irem buscar para dar um espetáculo e depois não aparecerem. Ele ficava horas à espera. Outras vezes chegavam ao fim do espetáculo e só lhe pagavam metade do combinado e outras vezes ainda era mais grave: passavam-lhe cheques rasurados e depois ele chegava ao banco e não dava para depositar ou resgatar o dinheiro que lhe era devido.

Devido às suas limitações cognitivas e inerente inocência, torna-se muito fácil enganar o Hélio, pois ele não vê maldade nas pessoas. A sua capacidade de reação é reduzida pois embora já tenha 43 anos a sua mentalidade é semelhante à de uma criança de 16 anos: se alguém lhe levanta a voz ou se vira a ele, fica completamente cheio de medo.

O Hélio falava muitas vezes num Senhor de Famalicão que o tinha contratado para alguns espetáculos e até o tinha levado para um evento no Autódromo do Estoril. Como fiquei curioso decidi ir vê-lo e ouvir o que ele tinha a dizer sobre o Hélio e os seus espetáculos.

Mal o senhor começou a falar vi logo que não havia a mesma relação que Hélio tinha com o Sano. Havia uma falta de afectividade e uma indiferença pelo seu trabalho: este senhor falava dele com muito afastamento, rebaixando sempre os seus valores enquanto artista. Este contraste pareceu-me interessante de mostrar no documentário para criar uma diferença com os depoimentos do Sr. Sano e revelar os dois tipos de comportamentos que as pessoas têm para com o Hélio.

Comecei a reparar que parte da estrutura do documentário, seria alicerçada nas viagens ou deslocações que o Hélio vai fazendo no seu quotidiano. Optei então por um registo observacional, com alguns apontamentos de cinema direto, muito à semelhança da utilizada no filme *Primary*, onde o realizador Robert Drew,

⁸ Hospital Central da zona do Grande Porto.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

acompanhou os movimentos dos candidatos democratas às eleições primárias de 1960.

Ao fim de algum tempo já se sentia que o Hélio estava mais habituado à minha presença. Já falava comigo mais à vontade e sem o seu discurso formatado que geralmente usava para entrevistas e depoimentos. Foi então que eu decidi começar a levar a máquina de filmar⁹ para ele se habituar à sua presença e também para eu começar a estudar os seus movimentos e respostas ao meu método de trabalho.

No início ele mantinha muito aquela pose de artista a ser entrevistado, sempre muito rígido para a câmara e usando recorrentemente o discurso formatado que geralmente utiliza quando lhe fazem entrevistas. Foi então que eu intervim e comecei a dar algumas indicações no sentido de o tentar abstrair ao máximo da câmara, já que o seu discurso formatado indicava que ele percepcionava que estava a dar apenas mais uma entrevista.

Depois de várias visitas e algum tempo passado a acompanhar o Hélio, comecei a ficar com uma estrutura do documentário na cabeça. Sabia que tinha que colocar as duas pessoas que ele visitou a falar, para que todos conseguissem ver o contraste dos seus depoimentos. Sabia também que teria que o filmar em algumas das suas atividades diárias. Obviamente sabia também que tinha de gravar algumas das suas atuações e ensaios.

O contraste da sua relação com a família atual (mulher e enteadas) e com a família biológica foi também algo que me interessou bastante, pois o Hélio é muito próximo da primeira e muito distante da segunda.

Decisiva foi a intenção de mostrar o seu imaginário artístico: a sua bicicleta personalizada, as suas roupas estilizadas especificamente para as suas atuações, e claro os seus ensaios e respectivos espetáculos.

Nesta fase da pré-produção, embora já fizesse uma ideia dos conteúdos a abordar, devo dizer que ainda não conseguia ter um argumento muito concreto para o filme. A preocupação quanto a isso não era muita, já que isso também fazia parte da minha maneira de construir o filme, ou seja, queria adotar uma estratégia de *work in progress*. A ideia era ir editando à medida que a rodagem iria decorrendo, e mediante o que fosse acontecendo, iria reagindo às diferentes situações e construindo o filme

⁹ A máquina que utilizei foi uma Sony HDV.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

passo a passo. Quando após o visionamento sentisse falta de algo, regressava à rodagem completando o que anteriormente havia feito.

Chegava agora a hora da escolha da equipa, do material a usar e das respectivas estratégias técnicas para melhor transmitir a mensagem que eu pretendia.

Uma vez que era um documentário e estaríamos em constante movimento acompanhando o Hélio nas suas atividades diárias, a equipa não podia ser muito grande. Sendo assim optei por escolher uma equipa de três pessoas.

Podemos dizer que no documentário normalmente existe uma acumulação de cargos, e neste não seria diferente pois eu além de ser o *Realizador* iria assumir o cargo de *Diretor de Fotografia* e posteriormente também iria fazer a montagem do filme.

Estando eu responsável pela imagem, o som ficou a cargo do Luís Alves¹⁰, o meu *Diretor de Som*, responsável por todo o processo de criação sonora do meu projeto. Contaria ainda com um terceiro elemento, o Fernando Ribeiro,¹¹ que me iria ajudar na *Produção* do filme e funcionando também como uma espécie de assistente durante as filmagens, fazendo um pouco de tudo, desde conduzir o nosso veículo de transporte a fazer imagens para o *making of*.

Escolhida a equipa, seria a altura para refletir sobre a técnica a utilizar. Então, antes de optar por uma escolha, comecei por visionar filmes que estivessem ligados ao universo do espetáculo. Comecei por ver *La Societe du Spetacle(1973)*¹² realizado por Guy Debord que aborda temas como a degradação da vida humana, o poder dos *media* e a sociedade consumista.

¹⁰ Estudante do Mestrado em Comunicação Audiovisual – Especialização em PRA no IPP ESMAE.

¹¹ Elemento da Produtora Best Take que fez parte da produção do filme.

¹² Filme de Produção Francesa Realizado em 1973 por Guy Debord.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira



Imagem 1 –Frame do filme *La Societe du Spetacle*, 1973, Guy Debord.

Analisei também o filme *Lonely Boy*(1962)¹³ um filme realizado por Wolf Koenig & Roman Kroitor, que retrata a vida de um jovem cantor canadiano chamado Paul Anka, que alcançou cedo o sucesso. Neste documentário podemos ver o outro lado da vida do cantor para além dos palcos, numa ideia muito próxima daquela que eu pretendia para o filme *O Rei do Karaoke*.

Embora gostasse deste filme, senti alguns distanciamentos quanto ao que pretendia para o meu documentário, nomeadamente na questão da gravação dos depoimentos. Ao serem depoimentos dados diretamente para a câmara, pareciam-se – quanto a mim – demasiado com entrevistas televisivas, o que no meu entender causava algumas quebras em relação ao resto do filme, já que durante grande parte do tempo a câmara andava praticamente sempre a seguir o artista e a registar as suas atividades.

Uma vez que o meu filme aspirava a registar acima de tudo as atividades diárias do artista e a recolher depoimentos numa forma mais orgânica e próxima do que se entende por uma conversa, optei por utilizar algumas técnicas geralmente conotadas com o *Cinema Direto*¹⁴, tentando sempre conseguir registar com a maior fiabilidade os acontecimentos e procurando sempre alcançar o máximo de realismo da situação como se a câmara ali não estivesse.

¹³ Filme Produzido pelo *National Film Board of Canada*.

¹⁴ Género de Documentário que procura registar com maior fiabilidade acontecimentos reais.



Imagem 2 – Paul Anka a atuar (frame do filme *Lonely Boy*, 1962, Wolf Koenig & Roman Kroitor).

A tentativa de captura da realidade continua a ser um assunto em constante discussão quer no campo dos praticantes, quer no campo dos teorizadores do documentário. A simples presença do ponto de vista subjetivo do realizador naturalmente exerce influência sobre o que está a acontecer, daí que a realidade dessa imagem seja sempre muito discutível.

Grande parte do filme é então suportado num registo de cinema direto, com segmentos constituídos por apontamentos de cinema observacional, como acontece, por exemplo, nos filmes *Lonely Boy* (1962) e *Primary* (1960).

Estando decididos a equipa que iria utilizar na rodagem, uma estrutura prévia do argumento e o género de registo documental que iria adoptar, chegava agora a hora de começar a rodagem.

2.4. Produção

Começava agora a fase mais prolongada do documentário. Inicialmente a semana programada para as filmagens do documentário seria para ter início em Fevereiro, embora eu tenha começado a fazer os primeiros registos em Novembro, num género de *repérage* filmada que visava começar a estudar o comportamento do Hélio e também a sua habituação à presença da equipa e do respectivo material.

As primeiras imagens foram registadas em casa do Hélio com uma câmara Sony HDV.¹⁵ Embora a câmara seja muito prática e eu esteja habituado a trabalhar com ela,

¹⁵

High-Definition Video, formato de registo de vídeo criado pela JVC e Sony.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

repararei que o efeito estético que queria dar ao meu projeto não se enquadrava com os resultados fílmicos obtidos com esta câmara.

Fui então à procura de outras soluções e depois de alguma indecisão decidi utilizar as câmaras DSLR¹⁶, pois possibilitavam-me controlar melhor a profundidade de campo e personalizar os resultados estéticos com maior detalhe do que seria possível com as câmaras HDV. Foi então que decidi experimentá-las num dos espetáculos do Hélio. Seria uma boa altura para testar tanto a estética a alcançar, como a capacidade das câmaras em captar imagens em espaços de reduzida luminosidade, pois tratava-se de um café com muita pouca luz.

Nesta primeira fase de testes pedi ajuda ao meu irmão - João Oliveira - para me auxiliar na captura do som. Uma vez que os conhecimentos do João eram poucos, eu decidi pedir ao Luís Alves, estudante do Mestrado de PRA e Diretor de Som deste projeto, para lhe dar um pequeno *workshop* sobre como trabalhar com um gravador *Tascam* e os respectivos elementos de gravação do som e também sobre quais as melhores técnicas para a captura do mesmo.

Durante as filmagens reparei que devido ao seu tamanho e peso, a câmara DSLR precisava de algum suporte, pois tremia com facilidade. Para além de ser bastante difícil conseguir manter estabilidade, outro problema era o facto de a focagem ser muito sensível devido à ausência de profundidade de campo. Isso revelava-se um contratempo já que um dos objectivos era focar a maior parte do tempo apenas o artista.

Para combater o problema da estabilidade decidi começar a usar um monopé, sobretudo devido à experiência decorrente do documentário *Minas da Borralha* (2011).¹⁷ Tinha gostado bastante de trabalhar com esta solução, pois permite-nos ter estabilidade e mobilidade ao mesmo tempo, ao contrário do tripé que nos limita - e muito - a fácil progressão no terreno. Ora o registo que eu procurava era seguir a personagem sempre em movimento, num registo mais observacional e intervindo o mínimo possível.

Uma das limitações da DSLR era o facto de apenas possibilitar a gravação de doze minutos consecutivos, mas no meu caso isso não aparecia como um problema,

¹⁶ Digital Single-Lens Reflex, um género de câmaras fotográficas que devido aos avanços tecnológicos permite filmar com grande detalhe e estética que só se alcançavam em fotografia.

¹⁷ Filme sobre um antigo complexo mineiro atualmente desativado, co-realizado por Fábio Oliveira, Luís Brandão, Teresa Pinto e Tiago Afonso.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

pois devido ao registo de movimento constante teria que fazer bastantes tomadas de planos.

Em relação ao som devo dizer que o João Oliveira não esteve nada mal, pois o registo ficou aceitável. Embora *estourando* o som aqui e ali, os registos não utilizáveis deveram-se mais ao mau afinamento das colunas do Hélio do que propriamente ao desempenho do operador de som de ocasião.

Algumas imagens recolhidas neste espetáculo viriam a fazer parte das imagens selecionadas para o documentário. Voltei ao mesmo local para novo registo de imagens já que o aspecto e o ambiente me interessavam muito para a cena em questão. Sendo um local de atuação frequente do Hélio, possibilitou-nos filmar mais do que uma vez, beneficiando nós do à vontade quer do artista, quer da audiência que já nos conhecendo, aderiram ao espetáculo de uma forma aparentemente mais legítima.

A semana de rodagem propriamente dita teve início no dia seis de Fevereiro. Comecei por falar com o Hélio para ele conseguir ficar mais descontraído, pois já tinha passado algum tempo desde as últimas filmagens e desta vez havia duas pessoas novas, o Luís Alves como técnico de som e o Fernando Ribeiro que fazia parte da *Produção* e funcionava agora como um assistente.

Assim que o Hélio começou a estar mais descontraído coloquei a câmara em cima do tripé, preparei-a para filmar e comecei a fazer perguntas sobre o início da sua carreira e um resumo da mesma, de maneira a que ele se comesse a ambientar à câmara e aos novos elementos e também a esquecer-se que estava a ser filmado. A intenção era que a sua forma de falar fosse a mais natural possível, não se comportando como se de uma entrevista se tratasse.

Não pretendia cair no registo que em parte foi adoptado no filme *Lonely Boy* (1962), em que a câmara está muitas vezes parada em frente ao sujeito que está a ser filmado durante os depoimentos, caindo no registo de entrevista.

Durante a manhã ele falou dos problemas que tem com os vizinhos, dos sítios onde já atuou, das pessoas famosas com quem já partilhou o palco - por exemplo Fernando Rocha¹⁸ - e por volta das treze horas fizemos uma pausa para almoçar.

¹⁸

Comediante Português.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Já na parte da tarde continuamos em sua casa. Desta vez mostrou-nos algumas fotos suas: com o Toni Carreira¹⁹ que é o seu grande ídolo, com as filhas da sua companheira que ele considera como suas e com as suas roupas de espetáculo. Estas são as fotos que ele utiliza para fazer os cartazes publicitando as suas atuações, e confirmam a importância do objecto “*fotografia*” para o Hélio.

Desde cedo os documentaristas se aperceberam do valor que as fotografias poderiam ter ao serem utilizadas como elemento integrante do filme. Uma película canadiana que demonstra isso é *City of Gold* (1958), de Colin Low e Wolf Koenig, um filme que conta a história de *Dawson City* a partir de fotografias realizado por dois dos mais representativos integrantes da famosa *Unit B*²⁰ do *National Film Board* do Canadá, já referida anteriormente.

Entretanto já a meio da tarde apareceu o Sr. Vítor Sá que é electricista e que vinha verificar um problema com as ligações de electricidade no local de ensaios do Hélio.

Pelos vistos havia um erro na ligação e a contagem estava a ser efectuada no contador do vizinho, quando este se apercebeu cortou a electricidade e foi então que começou uma discussão entre o mesmo e o Hélio. Depois de uma troca de expressões menos próprias, lá se acalmaram e conseguiram remediar o assunto.

Depois da discussão no terraço da casa, voltaram para o interior. O Hélio vinha muito nervoso, pois ele tem medo que toda a gente faça mal à sua família, no que parece ser um reflexo direto das situações de violência que viveu em criança.

Já no interior da casa o Hélio começou a falar com o Sr. Sá sobre o pai, e foi neste momento, talvez por se sentir seguro ao lado do Sr. Sá que momentos antes o tinha defendido dos vizinhos, que ele desabafou e contou que o seu pai chegava muitas vezes a casa completamente embriagado, discutia com os filhos e batia na mãe.

Numas dessas discussões ele acabou por entornar uma panela cheia de água a ferver por cima da mãe e queimou-a por completo. Ela teve que ser internada no Hospital S. João no Porto, onde mais tarde veio a falecer.

Desde esse dia que o Hélio desenvolveu um ódio e um rancor muito grande ao pai, inclusive deixando de manter qualquer tipo de contacto com ele.

¹⁹ Cantor Português de Músicas Românticas.

²⁰ Departamento da NFB que produzia filmes baseados no género Documental, Cinema Direto.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Ao fim da tarde, depois da saída do electricista, o Hélio foi ao café ao lado de casa comprar cigarros e tomar um café. Pelo caminho, e enquanto eu o seguia com a câmara, cantarolava e falava com toda a gente.

Ao chegar ao café tive que parar as filmagens e dirigir-me ao dono do café para obter autorização para filmar. O senhor mostrou-se muito simpático e deu-nos autorização para trabalharmos à vontade.

Já na esplanada enquanto tomava o seu café falou sobre a discussão que tinha tido com os vizinhos e falou com preocupação que eles fizessem mal à sua companheira e às suas enteadas. Mostrava algum medo e sentia-se mesmo irritado por se sentir injustiçado e desrespeitado.

No dia seguinte, dia 7 de Fevereiro, não filmamos durante a parte da manhã pois o Hélio teve uma consulta. Aproveitamos para visionar as imagens realizadas no dia anterior, tendo reparado em alguns erros técnicos que tínhamos feito.

Já da parte da tarde partimos em direção à Trofa,²¹ o local de início da sua carreira. Ao chegar, dirigimo-nos à loja *Jeans Shop*, onde o Hélio costuma limpar os vidros e ajudar no que for preciso. O proprietário é o Sr. Sano, o homem que o Hélio considera ser o seu segundo pai, já que o ajuda em todos os problemas e lhe arranja alguns trabalhos para conseguir ganhar dinheiro.

Foi fácil perceber que o Sr. Sano era uma pessoa que tratava bem o Hélio e que se preocupava com ele. Ouvimos da boca dele várias histórias caricatas, mas também os relatos dos problemas com o álcool que parecia ter herdado do pai.

Foi ele que nos contou que um dia o Hélio ia para casa de bicicleta e um carro atropelou-o. Ficou nove dias em coma no Hospital S. João, mas depois do acidente nunca mais bebeu bebidas alcoólicas, tendo sido por essa altura que começou a sua carreira musical.

Aparentemente a música apareceu na sua vida como um escape ao álcool e aos infortúnios que faziam parte da sua vida. A música, a par da família, tornou-se na sua alegria de viver.

²¹

Cidade onde teve início a sua carreira e onde atua com maior frequência.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira



Imagem 3 – Sr. Sano na *Jeans Shop*. (frame do filme *O Rei do Karaoke*, 2012, Fábio Oliveira).

Depois de mais algum tempo de conversa com o Sr. Sano partimos em direção a Famalicão para ir ter com o Sr. Carlos. Durante a viagem até lá ele não parava de falar sobre o espetáculo que ia ter a 5 de Maio no Estoril. Notava-se que estava ansioso por esse dia, pois esperava que estivessem muitas pessoas para o ver.

Quando chegámos a Famalicão fomos falar com o Sr. Carlos, que é proprietário de uma loja que vende bicicletas e já tinha contratado o Hélio para algumas atuações.

Mal ele começou a falar, percebi que a sua relação com o Hélio era completamente diferente da que ele tem com o Sr. Sano. Tratava-o de uma maneira muito indiferente, sem qualquer tipo de ligação, sentia-se uma grande barreira entre os dois, daí eu achar interessante mostrar o contraste entre as duas pessoas que falaram com Hélio, o tipo de pontos de vista que se pode esperar das pessoas em relação ao espetáculo protagonizado por ele.

Do discurso do Sr. Carlos guardei que a única coisa que lhe apetecia dizer era mal da atuação do Hélio. Este é o género de pessoas que se diverte a ridicularizá-lo, parecendo pensar que são superiores por possuírem maiores posses económicas.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira



Imagem 4 – Sr. Carlos na loja de bicicletas (frame do filme *O Rei do Karaoke*, 2012, Fábio Oliveira)

Esta é uma das razões que me dá força para querer fazer documentários. Para demonstrar o quanto estão errados, pois o Hélio pode ser pobre economicamente, mas tem um imaginário muito rico.

Já por volta da hora do jantar regressámos à casa do Hélio em Santo Tirso. Quando chegámos, a sua companheira estava deitada na cama doente com gripe. O Hélio andava bastante preocupado pois a sua companheira tem vários problemas de saúde, então ele numa tentativa de a pôr mais alegre, telefonou às suas filhas, que estão a viver numa escola interna a guardo da segurança social.

Nesse dia tivemos que acabar com as filmagens à hora do jantar, pois eu fiquei doente e já não conseguia filmar mais. Então decidimos recolher ao local onde estávamos hospedados para tentar melhorar e no dia seguinte voltar às filmagens.

Infelizmente no dia seguinte tivemos que adiar as filmagens por uns dias, pois eu não tinha conseguido recuperar da gripe.

Retomamos as filmagens no dia dez de Fevereiro e embora ainda estivesse um pouco doente já conseguia filmar. Nesse dia o Hélio ia ter uma atuação no *Café Barros* em S. Salvador do Campo, pelo que decidimos apenas concentrarmo-nos nas filmagens da atuação.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

O professor Pedro Sena Nunes²² juntamente com alguns colegas de Mestrado tinham mostrado interesse em assistir a uma das atuações do Hélio. Eu já lhes tinha mostrado algumas imagens que tinha recolhido durante a pré-produção e isso deixou-os curiosos.

O local de atuação era um café escuro e foi o Hélio que montou o seu material de som para o espetáculo. A maior parte das vezes ele usa o seu próprio material, faz o teste de som e verifica se está tudo a funcionar. Tal como a equipa técnica deste documentário, o Hélio é uma pessoa multifacetada, sendo ele que faz quase tudo desde a montagem da aparelhagem às cantigas propriamente ditas.

Dirigiu-se para o pequeno espaço atrás do local da atuação para poder vestir a sua roupa, eu ainda tentei ir atrás dele para o filmar na preparação antes de entrar no espetáculo, mas infelizmente era pequeno demais para conseguir filmar.

Ele tem vários fatos inspirados em cantores famosos como Elvis Presley, Rod Stewart e George Michael. Ao longo da sua atuação, vai fazendo pequenas pausas para ir trocando de fato.

A maneira como ele encara uma atuação é sempre com o máximo de dedicação possível. Para ele, atuar num café é como atuar num estádio para milhares de pessoas, criando um planeamento cuidado para cada atuação: a ordem das canções, a roupa indicada para cada música e as pequenas introduções sobre si e a sua atuação.

Ele procura inspiração na atuações de artista consagrados como Tony Carreira, Rod Stewart e Elvis Presley. Desde os fatos às performances em palco, e da interação com o público até à mudança de roupa durante os espetáculos, é fácil encontrar paralelismos – à escala – com aquilo que se passa nos grandes concertos.

Durante as suas atuações por vezes entusiasma-se demais e começa a cantar de várias maneiras muito peculiares: em pé em cima de uma mesa ou até mesmo deitado, aproxima-se do público e percorre todo o espaço envolvente do espetáculo, chegando mesmo por vezes dançar com o público.

No fim de cada espetáculo é visível a alegria nos seus olhos. É como se estivesse no paraíso. Naquele momento ele esquece por completo todos os problemas e maus momentos que marcaram a sua vida e acaba a atuação sempre com agradecimentos a toda a gente que o ajudou na carreira.

²²

Co-orientador do Mestrado.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Durante uns dias paramos as filmagens para visionar imagens e refletir sobre a construção do filme. Visionando o conteúdo já capturado e o que ainda tínhamos previsto capturar, ponderamos sobre o que já tínhamos feito, analisando e adaptando a narrativa à volta do que eu tinha planeado inicialmente.

As próximas filmagens teriam lugar num dos comboios da CP²³, por isso tivemos que entrar em contacto com as entidades responsáveis que mostraram logo disponibilidade para conceder autorização segundo algumas regras que não perturbassem o funcionamento normal dos transportes.

O dia autorizado para filmar seria no dia 23 de Fevereiro e nesse dia aproveitámos também para filmar um ensaio do Hélio antes de partirmos para a estação de comboios.

Sendo o filme sobre a vida do Hélio e tendo a música uma importância muito grande na sua vida, a gravação de um dos ensaios pareceu-me inevitável no intuito de perceber como ele se prepara para os espetáculos e conseguir ver como é o Hélio a cantar sem estar em frente a uma multidão e sem os fatos que tanto o caracterizam.

Depois de ele ter ensaiado algumas músicas partimos em direção à estação de comboios para apanharmos o comboio das 12:20 com destino à estação de S. Bento, no Porto.

O Hélio ia muito entusiasmado com a viagem pois ia ver as enteadas que estão a residir na Associação de Apoio à Criança Bispo D. António Barroso.

O acompanhamento destas deslocações do Hélio continua com um registo observacional e de cinema direto. Tal como em *Lonely Boy* (1962), também nós estamos em constante movimento, e se o filme canadiano acompanha constantemente Paul Anka nas suas deslocações entre espetáculos, também o *Rei do Karaoke* procura mostrar o que normalmente o público comum não tem acesso.

Durante a viagem o Hélio falou sobre o carinho que tinha pelas meninas, como fazia tudo por elas e como gostava que elas voltassem para casa para perto da mãe, pois era lá que elas pertenciam e deviam estar.

Voltou mais uma vez a referir-se ao espetáculo que ia dar no Estoril e na possibilidade que iria ter de se cruzar com personalidades famosas como Tony Carreira e Michael Carreira.

²³

Sigla que significa, Comboios de Portugal.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Durante a viagem ia uma pessoa sentada à sua frente, um senhor mais velho que também vinha de Santo Tirso, e como o Hélio é uma pessoa que interage com facilidade meteu conversa com esse senhor e começaram a falar sobre a sua carreira musical, sobre como eram as suas atuações, sobre as várias técnicas de entretenimento que ele usa durante o espetáculo para acrescentar algo à sua música: desde os cuidados com a roupa a utilizar, ao cuidado com a performance física, à interação com espectadores e até ao facto de saber cantar em várias línguas numa interpretação muito própria.



Imagem 5 – Hélio Rodrigo a conversar no comboio (frame do filme *O Rei do Karaoke*, 2012, Fábio Oliveira).

Enquanto tinham a conversa, o Hélio referiu o encontro que tinha tido com o Tony Carreira no parque da Rabada em Santo Tirso e como esse tinha sido um grande momento já que um dos seus ídolos o tinha reconhecido através da sua bicicleta, uma das suas imagens de marca e um dos meios que utiliza para fazer publicidade com o objectivo de arranjar espetáculos.

Aquando da chegada à estação, o Hélio despede-se do Sr. de uma forma muito educada indo de seguida em direcção à instituição onde se encontram as suas enteadas.

Pelo caminho ele mostrou-se bastante nervoso por ir ver as meninas, e quando chegou lá teve a informação de que elas tinham ido a uma visita de estudo e que só chegariam ao fim da tarde. O Hélio ficou um bocado triste pois como os horários de

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

visita são só até às 16 horas ele já não as poderia visitar. Então decidimos regressar a Santo Tirso, mas antes disso fui falar com a senhora responsável pelas meninas sobre a possibilidade de as filmar.

A senhora alertou-me que seria bastante complicado, pois teria que pedir autorização à direção que é em Lisboa e que o mais provável era eles rejeitarem a autorização mesmo tratando-se um projeto académico, já que as meninas são menores.

Esta reação da senhora tirou-me logo uma das minhas dúvidas que era se realmente seria necessário as meninas aparecerem diretamente para câmara ou se teria muito mais interesse ouvir falar delas e ver fotografias, pois criaria uma maior curiosidade e não iria desviar a atenção da pessoa de que trata o projeto, o Hélio.

Estava agora filmado praticamente tudo o que tinha planeado filmar, sendo agora tempo de começar a fazer a edição para ver se tinha tudo que precisava para o filme e para conseguir alcançar o que eu pretendia.

Assim que terminei a primeira versão, apresentei-a aos professores aquando de uma reunião sobre o estado dos projetos. Recebi bastantes críticas pois os professores achavam que demonstrava muito pouco sobre as atividades que o Hélio dizia que fazia. Tinha muitos depoimentos mas pouco conteúdo visual que demonstrasse que o que era dito tinha alguma veracidade.

Um outro ponto que eles referiram foi que ainda não tinha uma estrutura bem concebida, que o filme ainda estava muito confuso e que aquela simpatia e sensibilização para com o artista que eu pretendia causar nas pessoas ainda não estava presente.

Decidi então visionar tudo outra vez, e comecei a adicionar cenas que não estavam presentes. Introduzi mais cenas em que o Hélio aparece a cantar ou com apontamentos musicais, pois até ao momento tinha apenas a atuação no início e o ensaio. Uma vez que o filme anda à volta da música fazia todo o sentido esta ter mais relevância no filme.

Para além dessas cenas introduzi também um segmento em que o Hélio coloca várias fotografias em cima da mesa e começa a falar sobre elas: fotografias vestido com os fatos que usa nas suas atuações, fotografias com as suas enteadas, com o Tony Carreira na altura em que o encontrou no Parque da Rabada em Santo Tirso, assim como imagens dos cartazes que faz para divulgar as suas atuações.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Estas imagens vieram dar credibilidade ao que ele enunciava, como por exemplo o encontro com o Tony Carreira, e até mesmo à real existência das suas enteadas, que até agora não tinham aparecido e podia-se pensar que poderiam ser fruto da sua imaginação.



Imagem 6 – Fotografia que ilustra o encontro de Hélio Rodrigo com Tony Carreira (frame do filme *O Rei do Karaoke*, 2012, Fábio Oliveira).

Até ao momento o que estava praticamente definido era apenas o início do filme, que consistia na viagem do Hélio para a Trofa e uma atuação. Foi então que numa conversa com o Professor Doutor Jorge Campos falamos em criar uma narrativa circular onde o filme começasse com uma música e terminasse igualmente com uma música, mas em registo diferentes de maneira a conseguir criar as sensações pretendidas por mim.

O professor Nigel já tinha sugerido uma abordagem idêntica aquando da apresentação do projeto no início do Semestre, mas agora com o desenvolvimento do filme e o esclarecimento do Professor Doutor Jorge Campos tudo parecia mais nítido.

Algumas das sugestões do Professor Pedro Sena Nunes também vieram ao encontro do que já tinha sido referido anteriormente pelo Professor Doutor Jorge Campos, mas o primeiro alertou-me para a má percepção do que a companheira do Hélio dizia devido a um problema no céu da boca.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Por isso o professor sugeriu utilizar o menos possível e eu concordei. Como ela funciona como um apoio ao Hélio, fazia todo o sentido aparecer o mínimo possível, e quando aparecesse que fosse em alturas que funcionasse como um suporte e não para assumir protagonismo.

Um outro apontamento que foi feito referia-se à reação das pessoas à atuação do Hélio. Por exemplo, no início ele está a cantar de uma forma mais descontraída, daí fazer sentido mostrar o pessoal a rir-se e a dançar, enquanto que no final a maneira de atuar é muito mais emotiva, daí o ambiente ter que ser diferente: o público teria que estar muito mais concentrado e estático para isso resultar.

O ponto que criou maior reflexão nesta altura do desenvolvimento do projeto envolvia a utilização das imagens em que o Hélio está a conversar com o electricista Sá e falam sobre os problemas alcoólicos do pai do Hélio e o suposto efeito causal na morte da sua mãe.

Hélio afirma que o seu pai tinha chegado bêbedo a casa e tinha virado uma panela cheia de água quente em cima da sua mãe. A sua mãe teria sido internada mas não teria resistido às queimaduras causadas e acabaria por falecer.

O professor defendia que era um assunto muito delicado para ser abordado e que eu deveria refletir sobre os valores éticos envolvidos. Deveria, nomeadamente, pensar se não estaria a trair a confiança do Hélio e, também, refletir sobre a real necessidade desse depoimento para o filme.

Devo dizer que a minha primeira reação foi a negação, mas depois de uma reflexão eu percebi que o professor até tinha razão no que estava a dizer, mas ao contrário do pensamento do professor indiciava, eu via este assunto como um ponto importante para o filme, pois iria definir bem o meio social onde o Hélio foi criado e os efeitos que isso teve na pessoa que ele é hoje. Na minha opinião teria de filmar este assunto numa situação diferente e em melhores condições técnicas.

Enquanto eu planeava as próximas filmagens surgiu-me um convite para trabalhar como assistente do diretor de fotografia do filme *Obrigação* que estava a ser realizado por João Canijo nas Caxinas em Vila do Conde. Uma vez que o filme tinha um registo próximo do documental eu decidi aceitar, pois seria bom para aprender várias técnicas e pormenores que poderiam vir a enriquecer o meu projeto. Aproveitei também para criar algum distanciamento sobre o *Rei do Karaoke*, no que poderia contribuir para voltar a ele com uma visão diferente.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Depois desta experiência parecia que tinha voltado cheio de ideias, com a cabeça muito mais limpa e objectiva. O facto de me ter afastado um tempo do projeto, contribuiu muito para isso e, claro, também todos os novos conhecimentos que tinha adquirido.

No dia 23 de Julho voltei às filmagens novamente com o Luís Alves no som e eu na câmara. O agendamento destes novos momentos de rodagem não foram fáceis, pois o Hélio estava constantemente a adiar.

O primeiro dia seria apenas para recolher imagens dos hábitos diários do Hélio, tais como ver televisão, colocar a loiça na mesa para o almoço, a limpeza de cafés e dos vidros das lojas. Comparativamente com o que tinha feito anteriormente, estas imagens tiveram um outro cuidado estético, pois a minha sensibilidade foi crescendo à medida que o projeto vinha sendo construído.

Faltava-me agora filmar o Hélio a andar de bicicleta. Tivemos que esperar até ao dia 27 de Julho para o podermos filmar com este adereço, pois estava para reparação devido a um pequeno acidente.



Imagem 7 – Hélio a andar de bicicleta (frame do filme *O Rei do Karaoke*, 2012, Fábio Oliveira).

Uma vez que neste dia o Luís Alves não tinha disponibilidade, tive que filmar o Hélio a andar de bicicleta sozinho. Sendo assim montei um tripé no lugar do co-piloto e prendi-o bem ao banco de maneira a ficar o mais fixo possível. Já tinha experimentado

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

esta técnica quando fui assistente no filme *Obrigação* e tínhamos conseguido um bom resultado.

Depois de ter colocado a câmara no sitio, sentei-me no lugar do condutor e comecei a conduzir muito devagar e a filmar ao mesmo tempo. Ao início foi complicado pois não conseguia acompanhar o Hélio. Ele ficava muitas vezes para trás chegando mesmo a sair do plano, mas ao fim de algum tempo lá consegui acertar.

Além destas imagens também decidi fazer uma experiência. Com o objectivo de adquirir um plano subjetivo do Hélio a conduzir a bicicleta, coloquei-lhe uma câmara *Go-Pro*²⁴ na sua cabeça com um suporte específico que arranjei, mas infelizmente o resultado não foi bem o que estava à espera. Sendo assim pareceu-me muito mais produtivo utilizar o plano lateral que tinha gravado no carro e então decidi optar por esse.

Voltei então ao visionamento das filmagens que tinha feito e juntei estas novas. Agora sim, o filme começava a ganhar cada vez mais forma, estava cada vez mais perto do resultado que eu pretendia, mas ainda faltava gravar a cena da conversa sobre o mal que o pai do Hélio tinha feito à mãe. Então decidi primeiro editar uma versão quase completa para perceber totalmente o que ainda faltaria.

No dia 18 de Setembro foi então o último dia de filmagens com o Hélio: faltava gravar a história sobre o seu pai e o acidente que causou a morte da sua mãe; a informação sobre os seus fatos; e de onde veio a inspiração para a construção da bicicleta.

As filmagens correram bem e consegui adquirir o conteúdo que procurava e mais algum para completar o filme. Estava agora fechado o capítulo da rodagem e estava na altura de passar à fase final: a *Pós-Produção*. Um processo que, para todos os efeitos e como fui descrevendo, já tinha sido iniciado durante a fase de produção.

2.5. Pós-Produção

É nesta fase que o filme ganha a forma final, pois como acontece nos filmes com um registo que em alguns momentos se aproxima de técnicas facilmente conotáveis com o *Cinema Direto*, o material vai sendo registado e é na fase de edição que se vai fazer uma maior reflexão sobre o que foi capturado. Como os acontecimentos não são

²⁴

Pequena Máquina de Filmar utilizada para filmar desportos radicais.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

controlados por nós, o registo observacional é feito de imponderáveis e nem tudo o que fica no registo será útil para ser usado posteriormente e por vezes o conteúdo até pode ser interessante mas ter problemas técnicos que invalidam a sua utilização.

Como já tinha referido anteriormente, a pós-produção em certa parte já tinha começado durante a fase de *Produção*, pois eu tinha começado o visionamento das filmagens e iniciado a construção de uma estrutura do que poderia vir a ser o filme.

Isto aconteceu porque, uma vez que não tinha um argumento concreto, o filme foi ganhando forma com aquilo que sucessivamente ia filmando e editando: podemos dizer que em grande parte a história foi construída na montagem. A verdade é que o processo de captura de muitas novas imagens e cenas foi sendo suscitado pela progressão da montagem.

Esta forma de construção de um documentário é com a qual eu mais me identifico e me sinto mais à vontade, sendo algo que eu venho a trabalhar desde o já atrás referenciado documentário “Minas da Borralha” que co-realizei.

Um realizador que frequentemente também recorre a este método de trabalho é Frederick Weiseman.²⁵ Ele gosta de filmar os seu documentários com um registo observacional, tentando influenciar ao mínimo os acontecimentos, para posteriormente na montagem criar uma narrativa dramática.

Como plataforma de montagem escolhi o *software Final Cut*²⁶, uma vez que é onde me sinto mais confortável para montar.

Como narrativa do filme optei por uma narrativa circular, ou seja o filme iria andar à volta do tema *música*. Esta marcaria o início, o meio e o fim do filme, sendo que o restante conteúdo constaria do percurso diário do Hélio, desde os pequenos trabalhos quotidianos, às conversas de ocasião com os seus conhecidos e amigos, passando pelas atividades que exerce em casa e pelos ensaios e acabando nos passeios com a sua bicicleta e as suas idas ao café.

Grande parte do método de registo do filme está relacionado com o cinema direto, ou seja, o que tento fazer é captar acontecimentos que na realidade ocorreram. É óbvio que há sempre influência da minha parte, devido à minha presença constante com uma câmara, mas procurei sempre manter o máximo de fiabilidade em relação à ação que foi registada.

²⁵ Documentarista Americano.

²⁶ Software de Edição da Apple, construído para ser utilizado em Macintosh.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Deixando o Hélio sempre andar o máximo possível à vontade, procurei intervir o mínimo, para fazer com ele agisse naturalmente, conseguindo assim um registo mais aproximado do acontecido.

Um dos métodos que eu utilizei para fazer com que ele abordasse os assuntos que eu pretendia foi através de perguntas indiretas. Ao fim de algum tempo tal comportamento naturalmente conduzia ao assunto de uma forma muito mais discreta, possibilitando assim um registo menos formal.

A primeira parte do filme, ou seja a que funciona como uma introdução do mesmo, está dividida em dois pequenos segmentos. No primeiro vemos o Hélio dentro de um carro a falar um pouco sobre si, o que acaba por funcionar como uma pequena introdução sobre si mesmo enquanto não veste a pele de artista. Esta introdução e o facto de estar num carro em movimento, dá-nos a sensação de que vamos fazer uma viagem pela sua vida.

Em conversa com Luís Alves, o Diretor de Som do meu filme, optei por utilizar a técnica de antecipação sonora entre a transição de planos, o que resulta numa transição sempre muito fluída.

Na segunda parte da introdução temos o primeiro contacto com o Hélio enquanto artista. Ele aparece num café a atuar, mas não o vemos diretamente virado para a câmara. Começamos por ver os espectadores a interagir com a música e só depois é que o Hélio aparece a cantar a música *Sara*, ao ritmo de *karaoke* da música *Angels* de Robbie Williams. Este local de atuação é o mesmo que aparece no final, mas a música e o ambiente criado à sua volta sofrerá uma alteração radical. Neste início optei por colocar planos mais dispersos do artista para as audiências não se envolverem tanto.

Depois desta introdução aparece o título do filme *O Rei do Karaoke* e o nome do realizador. Os grafismos foram criados pelo meu colega de mestrado Ricardo Maia e a utilização dos efeitos das luzes *néon* está relacionado com a iluminação habitualmente conotada com as casas de *karaoke*.

A partir do título até chegar ao momento em que o Hélio vai no comboio, é o que eu defino como a segunda parte do filme.

Nesta segunda parte começamos por ter o primeiro contacto com a bicicleta do Hélio, uma das suas imagens de marca e o único meio de deslocação.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Assim que o Hélio chega de bicicleta a casa, temos o primeiro contacto com a sua residência. Assistimos a algumas atividades que faz no interior, acabando por chegar a um momento em que ele começa a falar e a mostrar os seus fatos de atuação, contando-nos de onde vem a sua inspiração, quem os faz e que utilização faz dos mesmos nos espetáculos.

Como todos os artistas o Hélio também tem que ensaiar, e então antes de sair de casa faz um ensaio com duas músicas. De seguida mostra-nos algumas fotografias: das atuações, do encontro com o Tony Carreira e das enteadas de quem ele fala ao longo do filme. Estas fotos vão dar uma credibilidade reforçada aos seus depoimentos.

Chega então o momento de começar a viagem de carro e o Hélio parte em direção à Trofa, mais concretamente para a *Jeans Shop*.

O Hélio vai ter a esta loja para falar com o Sr. Sano, a pessoa que ele vê como um pai. Assistimos então a alguns depoimentos sobre o protagonista durante uma interação entre os dois: é visível o carinho e respeito entre ambos.

Depois desta conversa entre *Pai e Filho* partimos em direção à loja de bicicletas do Sr. Carlos. A postura do mesmo em relação à do Sr. Sano é completamente diferente: esta é muito mais distante e irónica na forma de falar sobre o Hélio.

O Professor Jorge Campos não foi muito apologista da introdução deste depoimento no filme, pois ele achava que a sua personagem era muito distante do Hélio, sendo que a maneira como fala dele não iria trazer nenhuma mais valia para o filme. O professor sugeriu numa primeira fase que o reduzisse, e aí eu concordei, até achei que fazia mais sentido, mas posteriormente sugeriu-me que eliminasse a cena por completo, e aí eu já não estive de acordo.

Para mim a cena faz todo o sentido ter aquela cena no filme, pois eu pretendo demonstrar os diversos tipos de pessoas com que o Hélio tem que lidar, e a postura destas duas pessoas não podia ser mais contrastante.

Depois deste diálogo o Hélio vai fazer algumas das suas atividades regulares, mais precisamente limpar os vidros e o chão de um café. É neste momento que introduzo mais uma cena com música: ele é o *Rei do Karaoke* e a música acompanha-o para todo o lado.

Já depois de regressar a casa, senta-se no sofá ao lado da sua companheira e começa a falar da família.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Começa por dizer onde tinha nascido e onde o pai trabalhava, até que chegou ao momento em que finalmente fala da sua mãe e conta a história de quando o pai chegou bêbedo a casa e empurrou a mãe para cima de uma panela de água a ferver e como isso a queimou toda, provocando-lhe posteriormente a morte.

Esta cena foi a que eu filmei uma e outra vez, após a conversa com o Professor Pedro Sena Nunes em que ele questionava a validade ética da mesma e a sua consequente validade para o filme.

Depois de decidir regravar, procurei o enquadramento ideal. Sendo decidi colocar o Hélio e a companheira sentados no sofá ao lado um do outro, pois já tinha percebido que quando ele fala do assunto do pai é visível a cumplicidade entre os dois. Um pouco mais à frente no filme, quando ele fala da sua mãe, ela está ao seu lado na dupla condição de *mulher* e *mãe*, o que me parece enriquecer o assunto tornando-o essencial ao filme.

Depois deste assunto delicado, o Hélio decide ir ao café para arejar um pouco a cabeça. Já aí, desabafa sobre detestar que as pessoas gozem com ele e com a sua companheira doente.

Esses problemas de saúde são visíveis, pois quando regressamos a casa ela está deitada na cama doente. Entretanto recebem uma chamada da filha e conversam um pouco com ela: quem fala mais tempo é o Hélio e acaba por combinar uma visita para o dia seguinte.

Já na manhã posterior, o Hélio apanha o comboio em direção ao Porto para ir ter com as suas enteadas. No filme, Hélio está constantemente a viajar, mas sempre que ele viaja vai em direção ao que o faz feliz, seja para ir visitar as enteadas, seja para visitar o Sr. Sano ou seja para ir para as suas atuações.

Durante a viagem vai à conversa com um senhor que também vinha de Santo Tirso. Fala-lhe da sua carreira, do que faz de diferente dos outros artistas e do concerto que vai ter no Estoril, afirmando que vai estar lá com famosos.

Assim que chega ao destino, caminha um pouco nervoso em direção ao local onde estão as meninas, e acaba por entrar na instituição onde elas estão. Aí, e em *off*, começamos a ouvi-lo cantar, sendo depois transportados para o espetáculo final. O filme termina assim com os aspectos que são mais importantes para ele: a família e a música.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

O espetáculo final tem um ambiente completamente diferente do primeiro. Neste temos de imediato contacto direto com o Hélio. Num plano próximo dele vemos que as pessoas não estão a dançar nem a fazer gestos descabidos, estão simplesmente estáticas a ouvir cantar o Hélio. Reparamos, no fim, que ele está em pé em cima de uma mesa a cantar de uma maneira muito mais sentida do que no espetáculo inicial, com muita paixão e deixando-se envolver pela música.

3. CONCLUSÃO

Enquanto realizador, a análise crítica do resultado das filmagens, desperta em mim uma enorme empatia com a personagem principal, enfatizada numa forte ligação emocional com todas as cenas e muito carinho pelas imagens que tinha registado.

O *Rei do Karaoke* pretende refletir sobre os valores éticos associados às relações sociais do nosso quotidiano mostrando a vida do Hélio Rodrigo fora do palco. Em suma, revelar a vida de uma pessoa que tenta ser um artista e que vive na ilusão de estar a satisfazer um público que na maior parte das vezes apenas o está a ridicularizar durante a sua atuação.

Ao refletir sobre a vontade que o Hélio tem em criar uma carreira, com o objectivo de esquecer os problemas que enfrenta diariamente e dar um novo sentido à sua vida, deparámos com um imaginário idiossincrático riquíssimo, que passa por pormenores aparentemente insignificantes como os seus fatos ou a sua bicicleta.

Para que este filme resultasse em pleno, foi necessário criar uma grande empatia e confiança entre realizador e interveniente. No fim do trabalho, creio mesmo poder chamar-lhe uma relação. Uma relação que é transparente no decorrer do documentário e que tenho a certeza se irá prolongar num futuro que necessariamente extravasa os limites do mesmo.

A criação de sensações e sentimentos, são os principais fios condutores dos filmes, as cenas que nos causam mais emoções serão aquelas que vão ficar na memória das audiências. Recorrendo ao ponto de vista e expressão artística do Hélio, procurei criar uma narrativa em que fosse possível fazer emergir no espectador todas essas emoções.

O registo próximo de alguns conceitos e técnicas tradicionalmente conotados com o *cinema direto*, permite-nos registar uma maior semelhança com o real. É necessário não esquecer porém que a presença da câmara e as intervenções do realizador, todas as ações sofrem inevitáveis influências,. Como vimos, um meio para conseguir registar mantendo o mínimo de intervenção possível é através do método observacional, à semelhança do que faz, por exemplo, Frederick Wiseman. Concordo com o método mas não com a definição do estilo, já que pretende valorizar tudo o que é filmado de igual maneira, e isso não é, a meu ver, possível nem verdadeiro.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

Como resultado final penso que o meu filme consegue transmitir os sentimentos e sensações que pretendia inicialmente. A narrativa circular que adoptei faz as pessoas andarem à volta da vida do interveniente, fazendo-os assim refletir sobre os assuntos referidos anteriormente.

Todo este processo de criação do filme fez com que a minha sensibilidade e visão sobre o cinema crescesse, agora que cheguei ao fim de esta longa caminhada sinto que todos os esforços, noites sem dormir valeram a pena, pois, consegui construir e transmitir a mensagem que pretendia com este projeto.

4. BIBLIOGRAFIA

- BARNOUW, Erik. *Documentary – a history of the non-fiction film*. Oxford: Oxford University Press, 1993. ISBN-13 978-0-19-507898-5.
- BRUZZI, Stella. *New documentary*. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2006. ISBN 0-415-38524-5.
- ELLIS, Jack; MACLANE, Betsy - *A new history of documentary film*. New York: Continuum, 2005. ISBN 0-8264-1751-5.
- GRUNDBERG, Andy. *Crisis of the Real*. 3 ed. New York: Aperture, 1999. ISBN 978-1597111409.
- HUNT, Robert Edgar. *Basics of Film.making - Directing Fiction*. Switzerland: AVA Publishing SA, 2010. ISBN 978-2-940411-00-9.
- MARNER, Terence. *Directing Emotion Pictures*. Edições 70, Lda., 2007. ISBN 978-972-44-1413-3.
- NICHOLS, Bill. *Introduction to documentary*. 2 ed. Bloomington: Indiana University Press, 2010. ISBN 978-0-253-22260-2.
- RABIGER, Michael. *Directing the documentary*. Burlington: Focal Press, 2009. ISBN 978-0-240-81089-8.
- RAMOS, Fernão Pessoa. *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- ROSENTHAL, Alan; CORNER, John - *New challenges for documentary*. 2 ed. Manchester: Manchester University Press, 2005. ISBN 0-7190-6899-1.
- STIEGLITZ, Alfred. *Camera Work*. Colónia: Taschen, 2010. ISBN 978-3-8365-52428.
- WAIN, G. *How to Film*. Lisboa: Prelo Editora, 1967.
- LUDMAN, René. *Cinéma, Foi et Moral*. Paris: Ed. Du CERF, 1959.
- GEADA, Eduardo. *Cinema e Tranfiguração*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- WEYERGANS, Franz. *Mais Oui, Vous Comprenez le Cinéma*. Porto: Livraria Civilização, 1970.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

-GROSS, Larry; KATZ, John Stuart; RUBY, Jay. ***Image Ethics-The Moral Rights of Subjects in Photographs, Film, and Television***. Oxford: Oxford University Press, 1988. ISBN 0-19-505433-4.

-MENDES, João Maria. ***Novas & Velhas Tendências no Cinema Português Contemporâneo***. Amadora, Biblioteca da Escola Superior de Teatro e Cinema, 2012. ISBN 978-972-9370-09-0.

5. FILMOGRAFIA

GOMES, Miguel. (2012) *Tabu* [Filme]. Portugal.

CANIJO, João (Realizador). (2012) *Obrigaçã*o [Filme]. Portugal.

WISEMAN, Frederick (Realizador). (2011) *Crazy Horse* [Filme]. United States-France.

CANIJO, João (Realizador). (2011) *Sangue do Meu Sangue* [Filme]. Portugal.

OLIVEIRA, Fábio & BRANDÃO, Luís & PINTO, Teresa & AFONSO, Tiago
(Realizadores). (2011) *Minas da Borralha* [Filme]. Portugal.

LAWRENCE, Francis (Realizador). (2011) *Water for Elephants* [Filme]. United States.

ANTIN, Steve (Realizador). (2010). *Burlesque* [Filme]. United States.

MARSHALL, Rob (Realizador). (2009) *Nine* [Filme]. United States.

GOMES, Miguel. (2008) *Aquele Querido Mês de Agosto* [Filme]. Portugal-France.

SCHUMACHER, Joel (Realizador). (2004) *The Phantom of The Opera* [Filme]. United States.

CANIJO, João (Realizador). (2004) *Noite Escura* [Filme]. Portugal.

MARSHALL, Rob (Realizador). (2002) *Chicago* [Filme]. United States.

CANIJO, João (Realizador). (2001) *Ganhar a Vida* [Filme]. Portugal–France.

LUHRMANN, Baz (Realizador). (2001) *Moulin Rouge* [Filme]. United States.

KUSTURICA, Emir (Realizador). (1995) *Underground* [Filme]. Federal Republic of Yugoslavia.

DEBORD, Guy (Realizador). (1988) *La Societe du Spectacle* [Filme]. France.

FOSSE, Bob (Realizador). (1972). *Cabaret* [Filme]. United States.

KOENING, Wolf & KROITOR, Roman (Realizadores). (1962) *Lonely Boy* [Filme]. Canada.

DREW, Robert (Realizador). (1960) *Primary* [Filme]. United States.

O Rei do Karaoke

Fábio Oliveira

KOENING, Wolf & LOW, Colin (Realizadores). (1958) **City of Gold** [Filme]. Canada.

MAZZETTI, Lorenza & HORNE, Denis (Realizadores). (1956) **Together** [Filme]. UK.

REISZ, Karel & RICHARSON, Tony (Realizadores). (1955) **Momma Don't Allow** [Filme]. UK.

ANDERSON, Lindsay (Realizador). (1953) **O Dreamland** [Filme]. UK.

FLAHERTY, Robert J. (Realizador). (1934) **Man of Aran** [Filme]. UK.

VERTOV, Dziga (Realizador). (1929) **O Homem da Câmara de Filmar** [Filme]. Soviet Union.

FLAHERTY, Robert J. (Realizador). (1922) **Nanook of the North** [Filme]. United States-France.

6. ANEXOS

ANEXO 1 - Declarações Cedência Direitos de Imagem

ANEXO 2 – Autorização de filmagens da CP

ANEXO 3 – Cronograma de Filmagens

ANEXO 4 – Sinopse

ANEXO 5 – Ficha Técnica

TERMO DE COMPROMISSO E CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento,

Eu, RODRIGO DE SOUSA REGO, português (a), portador (a) do Bilhete de Identidade nº 11174591, expedido por LISBOA, em 26/11/2004, residente e domiciliado (a) RUA DO CONVENTO, N.º 32 4780-427 SANTO TIROSO, doravante denominada “**CEDENTE**”, cede a Fábio Daniel Matias de Sá Oliveira, português (a), portador (a) do Cartão de Cidadão nº 12980377, expedido por Santo Tirso, em 16/06/2011, aluno (a) da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo/ESMAE do Instituto Politécnico do Porto, através do **Curso de Mestrado em Comunicação Audiovisual**, doravante denominada “**CESSIONÁRIO**”, os direitos de autor patrimoniais (**fotografia/imagem**) para fixação e exibição em obra audiovisuais que venham a ser pelo **CESSIONÁRIO** produzidas, doravante denominadas “**Obras**”.

A **CEDENTE** reconhece expressamente que, por ser o **CESSIONÁRIO** o titular dos direitos de autor patrimoniais, sobre as **Obras** em que serão incluídas as (fotografia ou imagem), o **CESSIONÁRIO** poderá, a seu exclusivo critério, exhibir as referidas **Obras** livremente, bem como seus extractos, trechos ou partes para fins de divulgação destas, podendo exemplificativamente, alterá-las, adaptá-las para fins de exibição em circuito cinematográfico, fixá-las em qualquer tipo de suporte material, tais como películas cinematográficas de qualquer bitola, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact disc” interactivo), “home vídeo”, DAT (“digital áudio tape”), DVD (“digital vídeo disc”) e suporte de computação gráfica em geral ou armazená-las em banco de dados, exhibi-las através de projecção em tela em casas de frequência colectiva ou em locais públicos, com ou sem interesse pago, transmiti-las via rádio e/ou frequência televisão de qualquer espécie (televisão aberta ou televisão por assinatura, através de todas as formas de transporte de sinal existentes, exemplificativamente UHF, VHF, cabo, fibra óptica, MMDS e satélite), comercializá-las ou alugá-las ao público em qualquer suporte material existente, disseminá-las através da Internet, ceder os direitos de autor sobre as **Obras** ou sobre as (**fotografias ou imagens**) cuja utilização foi autorizada através deste Termo a terceiros, para qualquer espécie de utilização.

Nenhuma das utilizações previstas no parágrafo anterior ou ainda qualquer outra que pretenda o **CESSIONÁRIO** dar às **Obras** nas quais serão inseridas as (**Fotografias ou Imagens**), têm limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer em Portugal ou no exterior.

A presente autorização não dará ensejo à **CEDENTE** quaisquer direitos no tocante à co-autoria das **Obras** produzidas pelo **CESSIONÁRIO** com base nas Fotografias, nem tampouco qualquer retribuição além da prevista no presente instrumento, em razão de utilização de tais obras produzidas a partir da fixação das **Fotografias** e/ou da comercialização de produtos decorrentes das **Obras**.

Os direitos anteriormente mencionados foram transferidos para o **CESSIONÁRIO** sem quaisquer ónus, dando ao **CESSIONÁRIO** plena, total, rasa, geral, irrevogável e irretroatável quitação, para nada mais reclamar, em juízo ou fora dele, em virtude da autorização ora concedida.

E, por estarem certas e ajustadas, as Partes celebram o presente termo em duas vias de igual forma e teor, na presença das testemunhas abaixo.

Porto, 30 de Outubro de 2011

Fábio Daniel Martins Sá Ulisses

RODRIGO ROUZA REGO

CEDENTE

ANEXO 2

Autorização de Filmagens da CP

From: GONÇALVES, Pedro Manuel da Silva <PSGONCALVES@cp.pt>

Date: Tue, 14 Feb 2012 12:16:06 +0000

To: Fernando Ribeiro <fernando.ribeiro@best-take.com>

Subject: FW: Pedido de Autorização para Filmagens I CP

Boa Tarde Sr. Fernando Ribeiro,

Para os devidos efeitos se declara que o Sr. Fábio Oliveira, aluno do curso de Documentário do ESMAE-IPP, está autorizada a filmar nos nossos comboios urbanos, no âmbito do projeto final do último ano de Mestrado, a curta-metragem documental "O Rei do Karaoke".

Estas filmagens realizam-se no próximo dia 22, nas viagens; Ida - Santo Tirso – Porto São Bento (Hora: 12h23)

Regresso - Porto São Bento – Santo Tirso (Hora: 16h20)

A equipa é composta por quatro elementos.

Face à conjuntura atual, à situação deficitária em que se encontra a nossa Empresa, e à consequente rigorosa contenção orçamental que temos que observar, não vos podemos conceder gratuidades nas viagens que pretendem efetuar, devendo os membros da equipa de filmagens ser portadores de títulos de transportes válidos para essas viagens. Declara-se que não estão autorizadas captação de imagens dos nossos Clientes nem Colaboradores CP.

Em contrapartida, agradecerá á CP – Comboios de Portugal E.P.E no final do trabalho. Esta autorização não pode justificar perturbações de qualquer ordem para o serviço da Empresa, nem a responsabilidade por parte desta em qualquer acidente que possa envolver algum elemento estranho à mesma.

Nos termos das facilidades que concedemos, fica entendido que o trabalho a realizar não poderá motivar desprestígio para o caminho-de-ferro em geral, nem para a CP em particular.

Peço o favor de enviarem 2 cópias do trabalho final para arquivo CP, para a seguinte morada:

Pedro Gonçalves

Gabinete de Relações Institucionais e Comunicação

Calçada do Duque, 20

1249-109 Lisboa

Por favor, chegados ás estações indicadas, devem se dirigir ao ORV em serviço a informarem da vossa presença para filmagens.

Bom Trabalho

Com os melhores cumprimentos

Pedro Manuel Gonçalves Gabinete de Relações Institucionais e Comunicação

CP - Comboios de Portugal

Tel. (+351) 211023968

Telemóvel 915225510

ANEXO 3

Cronograma - "O Rei do Karaoke"

Mês: Fevereiro		Ano: 2012		Fase: Produção		
Horas	Dia 6	Dia 7	Dia 8	Dia 9	Dia 10	Dia 11
09:30	Diálogo com o Rodrigo, de forma a recolher o máximo de informação possível	Conversa durante o pequeno almoço	Conversa durante o pequeno almoço	Visionamento das Filmagens e organização do conteúdo em falta.	Conversa durante o pequeno almoço	Conversa durante o pequeno almoço
11:00	Trabalho no quintal	Trabalho no quintal	Trabalho no quintal		Trabalho no quintal	Trabalho no quintal
12:30	Almoço	Almoço	Almoço		Almoço	Almoço
15:00	Instalação do GPS na bicicleta	Limpeza de vidros de uma loja e passeio por Santo Tirso	Passeio por Santo Tirso e Manutenção de Bicicleta		Passeio por Santo Tirso e Manutenção de Bicicleta	Passeio por Santo Tirso e Manutenção de Bicicleta
17:00	Ensaio	Ensaio e Manutenção da Bicicleta	Ensaio		Ensaio	Ensaio
18:30	Diálogo durante o visionamento de programas da Televisão	Diálogo durante o visionamento de programas da Televisão	Diálogo durante o visionamento de programas da Televisão		Diálogo durante o visionamento de programas da Televisão	Fim das Filmagens
19:30	Jantar	Jantar	Jantar		Jantar	
20:30	Ida ao café	Ida ao café	Ida ao café			
22:30	Ver os programas de televisão	Ver os programas de televisão	Ver os programas de televisão		Concerto num café em Vilarinho	
23:45	Dormir	Dormir	Dormir		Dormir	

ANEXO 4

Sinopse

A música ganha uma nova importância na vida de Rodrigo, um cantor de karaoke que afirma ser mais do que isso, porque tenta sempre acrescentar algo de novo aos seus espetáculos.

Para ele, cantar é uma resposta à necessidade de se tornar algo mais no contexto da sua vida difícil e por vezes dramática.

A sua carreira é assombrada por indignidade, ciúme e falta de respeito pelo seu trabalho.

Mas no fim de cada atuação acaba sempre com um sorriso.

The music gains a new importance in the life of Rodrigo, a karaoke singer claiming to be more than that because he is always trying to add something new to his performances.

To him, singing is a response to the need of becoming something else in the context of his hard and sometimes dramatic life.

His career is haunted by jealousy, unworthiness and lack of respect for his work. But at the end of every performance ends up with a smile on his face.

ANEXO 5

Ficha Técnica

Documentário Documentary | HD 16:9 | 30'

Realização e argumento por Written and Directed by
FÁBIO OLIVEIRA

Produção Production
FÁBIO OLIVEIRA E FERNANDO RIBEIRO

Actor Actor
HÉLIO RODRIGO

Director de Fotografia Director of Photography
FÁBIO OLIVEIRA

Director de Som Sound Director
LUÍS ALVES

Captura de Som Sound Recorder
LUÍS ALVES E JOÃO OLIVEIRA

Montagem Editing
FÁBIO OLIVEIRA

Grafismos Graphics
Ricardo Maia

Fotografias de Publicidade Marketing Photographys
HÉLDER SOUSA

Produtora Production
DAI | ESMAE | IPP

CO-Produtora CO-Production
BEST TAKE